

A ELEIÇÃO DOS DETALHES

» RODRIGO CRAVEIRO

Na véspera da eleição presidencial dos Estados Unidos, é impossível traçar qualquer prognóstico sobre quem ocupará a Casa Branca pelos próximos quatro anos. Com a disputa em aberto, principalmente em sete estados-pêndulo (cuja preferência varia entre democratas e republicanos a cada pleito), a votação deve ser decidida em detalhes, como o índice de comparecimento às urnas e a participação dos indecisos. De acordo com uma recente pesquisa do jornal *The New York Times* e do Siena College, os estados-pêndulo contam com 1,2 milhão de eleitores que ainda não sabem em quem votarão — 3,7% do total.

A imprensa norte-americana considera que a Pensilvânia, onde 19 delegados do Colégio Eleitoral estão em jogo, pode ser crucial para determinar quem vencerá as eleições de amanhã. A corrida à Casa Branca tende a ser tão apertada que a campanha da democrata Kamala Harris espera que o republicano Donald Trump se declare vitorioso antes mesmo do fim da apuração.

Professor de ciência política da Universidade da Pensilvânia, Rogers M. Smith reconhece que o entusiasmo que envolveu os seguidores de Kamala logo depois da oficialização da candidatura democrata, em 2 de agosto passado, diminuiu à medida que a campanha fluiu. “Kamala começou bem, prometendo um espírito de compromisso para promover maior unidade e uma política de alegria, mas logo estabeleceu uma reputação de não dar respostas diretas a perguntas difíceis e, em vez disso, responder com suas generalidades. Então, o entusiasmo por ela reduziu. Consequentemente, nenhum dos candidatos conseguiu obter uma vantagem decisiva”, explicou ao **Correio**.

Por sua vez, Smith avalia que Trump argumentou, de modo efetivo, que o controle migratório, a inflação e a paz internacional estavam em melhores condições durante o primeiro triênio de seu governo, antes da pandemia de covid-19. “Ao mesmo tempo, ele fez muito pouco para expandir sua base eleitoral. Preferiu entreter seus devotos com discursos confusos e retórica hiperbólica incendiária, dos quais os eleitores independentes e indecisos geralmente não gostam.”

Diretor e professor do Departamento de Governo da American University (em Washington), David Lublin admitiu à reportagem que as pesquisas estão tão empatadas que é até mesmo difícil aferir se são precisas. “Todos os pesquisadores têm que ponderar os entrevistados sobre



Berndt Smalowski/AFIP

Arquivo pessoal

Chandan Khanna/AFIP

Arquivo pessoal

Arquivo pessoal

Arquivo pessoal

Indecisos e independentes podem definir, amanhã, quem será o próximo presidente dos Estados Unidos

Kamala Harris pede para o eleitorado “virar a página” e “curar a divisão”

Donald Trump insinua que democratas podem fraudar os resultados das urnas

Os sete estados decisivos

QUAIS SÃO OS ESTADOS-PÊNDULO CRUCIAIS PARA DETERMINAR A VITÓRIA NAS ELEIÇÕES

TOTAL DE DELEGADOS DO COLÉGIO ELEITORAL: 538

ARIZONA: 11 delegados em disputa / GEÓRGIA: 16 / MICHIGAN: 15 / NEVADA: 6 / CAROLINA DO NORTE: 16 / PENSILVÂNIA: 19 / WISCONSIN: 10

o que pensam sobre qual será o conjunto de pessoas que votará nestas eleições. Isso é algo muito difícil, assim como é ainda mais complicado determinar se as pessoas que fazem parte da pesquisa são representativas de seu grupo de eleitores.”

De acordo com Lublin, Trump falou completamente em reconquistar quaisquer eleitores centristas ou conservadores que ele tenha perdido. “Por outro lado, o republicano parece estar ganhando apoio entre os negros e os latinos, apesar da constante dieta de comentários antinegros e antilatinos. Ele também colocou, com sucesso, a imigração em primeiro plano na reta final da campanha”, explicou.

“Ações ultrajantes”

O professor da American University acredita que Kamala fez um excelente trabalho ao alcançar alguns republicanos, mesmo mantendo sólido apoio dos progressistas. “No entanto, enquanto ela ganhava espaço midiático, Trump dominava a mídia livre com uma série de ações ultrajantes que captam a atenção do eleitorado.”

Na opinião de Tom Hollihan, professor de comunicação e ciência política da Universidade do Sul da Califórnia (USC), Kamala se apresentou com sucesso aos eleitores e os lembrou do caos do primeiro mandato de Trump. “Enquanto isso, Trump conseguiu evitar as tentativas de assassinato e se colocou como uma vítima, como alguém protegido por Deus. Kamala deu mais entrevistas à imprensa. Trump deveria ter mostrado mais disciplina na campanha, a fim de não ofender tantos grupos diferentes de eleitores”, disse ao **Correio**.

Timothy Hagle, professor de ciência política da Universidade de Iowa, reconhece que Donald Trump chega à véspera da eleição com mais impulso do que Kamala Harris. “A maioria das pesquisas mostra um empate nos sete estados-pêndulo. A campanha de Trump parece estar se divertindo e aparenta mais energia. Por sua vez, a campanha de Kamala parece se concentrar mais em deturpar a imagem de Trump do que em enfatizar posições políticas”, afirmou à reportagem.

Hagle não acha uma boa estratégia dos democratas a

intimidação de eleitores para que votem em Kamala. “Isso ocorreu quando Barack Obama sugeriu que os negros ou as mulheres não deveriam, ou não poderiam, apoiar razoavelmente Trump”, exemplificou.

Comparecimento

O especialista de Iowa aposta que a participação dos eleitores em um processo no qual o voto não é obrigatório será fundamental para ajudar a determinar o resultado final. Segundo Hagle, os democratas têm se saído melhores durante a votação antecipada, mas os republicanos trabalharam para reverter essa tendência. “Na maioria dos estados, serão os eleitores independentes que definirão qual candidato vencerá. Essa camada do eleitorado tende a votar motivada por questões econômicas, o que poderia favorecer Donald Trump. A questão é saber se esses eleitores realmente sairão de casa para votar.”

Para captar a simpatia e o voto das americanas, Kamala pautou o tema da legalização do aborto como um de seus temas prioritários. “Os direitos reprodutivos

são importantes não apenas para muitas mulheres, mas também para os eleitores mais jovens”, afirmou ao **Correio** Costas Panagopoulos, professor de ciência política da Northeastern University (em Boston).

Panagopoulos entende que existe uma lacuna geracional nas visões sobre direitos reprodutivos e que a maioria dos eleitores jovens apoia o direito ao aborto e de escolha da mulher sobre seu corpo. “Um tema-chave da campanha de Kamala — a liberdade — tem sido construído em torno desse assunto e do medo de que os republicanos continuem a marcha rumo ao desmantelamento de direitos individuais.”

Ainda de acordo com Panagopoulos, as evidências de conotações misóginas nos discursos do magnata e ex-presidente republicano são generalizadas, mesmo quando ele tenta se retratar como um defensor das mulheres e de seus direitos. “Muitas vezes, ele pareceu estranho ou hipócrita ao falar sobre os direitos das mulheres durante a campanha eleitoral. Não acho que muitas pessoas o veem como um defensor das mulheres, especialmente as próprias americanas.”

O domo do Capitólio, sede do Legislativo, em Washington: controle do Senado e da Câmara é crucial para a governabilidade

Referendos

Também amanhã, os americanos votarão em uma série de referendos. Um deles será para decidir se os estados devem garantir o direito ao aborto em 10 deles. E em metade — Flórida, Arizona, Nebraska, Missouri e Dakota do Sul —, o resultado pode significar uma mudança concreta no acesso a esse direito.

Na Flórida, onde o aborto somente pode ser praticado até seis semanas de gestação, os eleitores escolherão se autorizam ou não a interrupção da gravidez até o momento em que o feto possa sobreviver fora do útero materno. No Colorado, os eleitores votarão se tornarão ilegal ou não a “caça de troféus”, ou seja, a matança de pumas ou lincos. (RC)

O CONGRESSO EM JOGO

As atenções das eleições de amanhã não se resumirão à Casa Branca. Mais de 220 milhões de americanos também estarão aptos a decidir o futuro da composição do Congresso — e a consequente governabilidade do presidente. Os eleitores renovarão todas as 435 cadeiras da Câmara dos Representantes e 34 dos 100 assentos do Senado. O Partido Republicano controla a Câmara por uma margem pequena. No entanto, com a desistência de Joe Biden da disputa, os democratas esperam surfar no entusiasmo em torno do nome de Kamala Harris e recuperar o domínio da Casa.

Os democratas possuem uma maioria ínfima, de apenas uma cadeira, no Senado. A missão de obter um controle mais folgado da Câmara Alta é considerada mais complicada. Isso porque os aliados de Kamala Harris precisarão defender os dois terços

dos assentos em disputa, ante o favoritismo dos republicanos.

Professor de ciência política da Universidade de Iowa, Timothy Hagle admite que, em uma eleição presidencial, a opinião pública quase nunca presta atenção nas disputas pelo Legislativo. “Ambas as Câmaras estão divididas de forma muito uniforme e o controle de cada uma delas pode resultar em disputas acirradas. O partido que acabar controlando as Câmaras será importante, independentemente de qual candidato se torne presidente”, explicou à reportagem. “Se o partido governista controlar Câmara e Senado, o próximo presidente terá uma melhor chance de aprovar leis sensíveis para avançar a nova agenda de governo. Se pelo menos uma Câmara for controlada pelo partido da oposição, será muito mais difícil passar legislações que avizalem a agenda presidencial”, acrescentou.

Hagle observa que o controle

Anna Moneymaker/Getty Images/AFIP



parcial do Senado é de particular interesse. “Isso se deve por causa de seu papel em confirmar os indicados do presidente para uma variedade de cargos, inclusive, para a Suprema Corte. Além disso, como o Senado tem o requisito de obstruir a legislação, isso significa que mudanças que os democratas pretendem fazer não seriam possíveis, a menos que eles se livrassem dessa regra.”

Amanhã, 11 dos 50 estados

Eu acho...



“O radicalismo tem crescido no mundo, desde Jair Bolsonaro, no Brasil, até Marine Le Pen, na França. Então, não é surpresa que tenha crescido também por aqui, nos EUA. O país está muito polarizado entre republicanos e democratas. Cada um vê o outro como uma ameaça existencial à nação. Os republicanos estão apoiados por um forte aparato midiático — a emissora Fox News e a rede social X (antigo Twitter) —, que normaliza e amplifica suas mensagens.”

David Lublin, diretor e professor do Departamento de Governo da American University (em Washington)



“A corrida parece acirrada, mesmo nos estados decisivos. Então, a participação será fundamental. Os democratas tradicionalmente se saem melhor com a votação antecipada, mas os republicanos têm trabalhado mais arduamente nisso. É claro que, na maioria dos estados, serão os independentes que determinarão qual candidato vencerá. Tendem a votar em questões econômicas, o que pode favorecer Trump, mas a questão é saber se eles sairão para votar.”

Timothy Hagle, professor de ciência política da Universidade de Iowa



“A disputa é acirrada demais para aprontar um vencedor, neste momento. Decidirá o partido que conseguir levar mais eleitores às urnas nos sete estados-pêndulo. Se Kamala Harris conseguir depender da Pensilvânia, de Michigan e de Wisconsin, e obter o único voto dividido da cidade de Omaha, no Nebraska, ela deverá vencer, mesmo que perca no Arizona, em Nevada, na Geórgia e na Carolina do Norte.”

Tom Hollihan, professor de comunicação e ciência política da Universidade do Sul da Califórnia (USC)



“As mais recentes pesquisas têm se inclinado muito levemente na direção de Donald Trump. No entanto, Kamala Harris está liderando entre os eleitores que têm uma maior probabilidade de saírem de casa para votar. Se os simpatizantes de Trump que normalmente não votam comparecerem em grande número às urnas, o republicano vencerá. Mas, se a participação eleitoral for mais típica, Kamala ganhará.”

Rogers M. Smith, professor de ciência política da Universidade da Pensilvânia



“Espero que os direitos reprodutivos sejam uma questão importante para os norte-americanos nas eleições de amanhã, especialmente para as mulheres. Pode não eclipsar a importância da economia ou da imigração como uma questão única. No entanto, muitos eleitores veem o aborto como uma questão crucial, em parte por alimentar uma narrativa mais ampla sobre o extremismo republicano.”

Costas Panagopoulos, professor de ciência política da Northeastern University (em Boston)